Os cuidados até a volta para casa



Hospital e Centro de Reabilitação da Fauna Silvestre (Hfaus), em Taguatinga, recebe de 150 a 220 animais por mês para atendimento e reabilitação, em parceria com diversos órgãos

Fotos: Pedro Paulo Cardoso/CB/D.A Press



Thiago Marques, coordenador do Hospital e Centro de Reabilitação da Fauna Silvestre (Hfaus), que trata animais antes do retorno à natureza

» JÚLIA COSTA*

Às terças e quintas-feiras pela manhã, uma cena se repete no Hospital e Centro de Reabilitação da Fauna Silvestre (Hfaus), em Taguatinga: é o momento em que os animais que receberam alta são levados pelo Ibama para continuarem o acompanhamento no Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas) ou para serem levados de volta à natureza.

O Hfaus foi criado em 2025 com o objetivo de atender a cerca de 60 animais silvestres por mês, em parceria com três órgãos públicos: Brasília Ambiental (Ibram-DF), que coordena o hospital; Ibama e Batalhão de Polícia Militar Ambiental (BMPA). Hoje, porém, já atendem a 29 órgãos. A expansão começou com áreas do Entorno do DF, como Águas Lindas e Valparaíso, e depois passou a abranger outras áreas de Goiás, como a Chapada dos Veadeiros.

Desde então, já receberam animais de Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso e Amazonas. "Esses animais precisam de atendimento, e nós somos uma estrutura que tem capacidade de realizá-los e temos todo o apoio do Brasília Ambiental", diz o coordenador Thiago Marques. Primeiro do país criado com a finalidade de tratar animais silvestres, o espaço faz, atualmente, de 150 a 220 atendimentos por mês.

De janeiro a novembro deste ano, o hospital registrou mais de 2.850 atendimentos, majoritariamente de aves (69% do total), mas também de mamíferos (26%) e répteis (4%). O número representa um crescimento em relação a 2025, quando o hospital recebeu 2.717 animais no total. Isso não significa, necessariamente, mais ou menos problemas ambientais.

"O que a gente percebe é que, a partir do momento que os órgãos trabalham em conjunto, temos uma maior notificação desses casos porque a população sabe que tem para onde encaminhar os animais", explica Thiago.

O próprio perfil de animais atendidos pelo hospital, segundo o coordenador, é afetado pela percepção que o público tem de determinadas espécies. "Muitas vezes, as pessoas tendem a chamar socorro por animais que acabam sendo um pouco mais fofinhos. Então, pequenas aves e mamíferos acabam tendo um número maior de resgates", afirma. "É diferente das serpentes, que as pessoas têm um pouco de medo e, às vezes, até aversão."

Principais causas

De acordo com o Ibram, em 2026, as principais causas de atendimento são cuidados neonatais, fraturas e ataques por outros animais, principalmente por cães e gatos. O hospital também passa por ciclos que podem aumentar a entrada de animais, como períodos de seca ou de reprodução, como os do saruê, em março, ou araras, no final do ano.

Thiago ressalta que, no período de seca, nem sempre as feridas são ocasionadas por queimadas, mas sim, por consequências indiretas desses eventos. Quando uma área é incendiada, os animais tentam fugir por regiões com rodovias (o que aumenta o choque com vidraças) ou podem acabar entrando em residências, o que aumenta o confronto direto com os animais domésticos, por exemplo.



Veterinárias cuidam de um saruê mordido por um cachorro



Tamanduá é tratado após machucar patas



Lobo-guará aguarda transporte do Ibama para ser solto

Assim que esses animais chegam ao Hfaus, passam por um período de cuidados e posteriormente são encaminhados ao Cetas, onde passam por uma avaliação para determinar se têm condições de retornar à natureza ou se serão levados a algum tipo de mantenedores, como zoológicos ou criadouros conservacionistas.

O atendimento no hospital é feito de forma a minimizar o contato desses animais com humanos: "Não deixá-los acostumados é garantir que eles vão ter um retorno à natureza." De forma geral, os contatos mais próximos acontecem no momento de limpeza do ambiente, medicação e alimentação. As exceções são filhotes que precisam ser carregados no colo para amamentação, por exemplo.

De acordo com o Cetas, responsáveis pelo retorno dos animais silvestres para a natureza, do total de 6.513 bichos que saíram da unidade do DF neste ano, 3.291 foram soltos na natureza. No mesmo período, foram registradas 3.148 ocorrências de óbito, eutanásia e outros. Mais da metade desses animais chegou ao órgão por resgate, enquanto cerca de um terço veio de apreensões contra o tráfico e criação ilegal.

O número de óbitos se dá, principalmente, pelo estado em que os animais chegam. "O Cetas recebe todos, inclusive os que não têm chance de recuperação", afirma o órgão.

O Cetas orienta que, caso encontre um animal silvestre ferido, a população não deve tentar capturá-lo. Nesse caso, o BPMA (pelo número 190) ou o Corpo de Bombeiros (pelo número 193) devem ser acionados para resgate. Denúncias por tráfico, caça, maus-tratos ou criação ilegal podem ser feitas também pelo site do Ibama. (**Colaborou Manuela Sá***).

*** Estagiárias sob supervisão de Tharsila Prates**